

**O caderno cibernético de José Saramago:  
peças soltas de uma autobiografia**

Andre Luiz Amaral <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa as continuidades e descontinuidades partilhadas pela biografia e autobiografia, diários íntimos e *blogs*. A indissociabilidade entre a vida e a obra de um autor caracteriza a tema central do texto. Essas questões são discutidas à luz do livro/blog *O caderno*, escrito pelo romancista português José Saramago.

**ABSTRACT:** This article analyses continuities and discontinuities shared among biographies and autobiographies, personal journals and *blogs*. The indissociable character between the life and the work of an author characterizes the central theme of the text. These questions are discussed based on the book/blog *O caderno*, written by the Portuguese novelist José Saramago.

**PALAVRAS-CHAVE:** Blog; Diário íntimo; Autobiografia; Performance; José Saramago

**KEYWORDS:** Blog; Personal journal; Autobiography; Performance; José Saramago

*“Tudo é autobiografia”  
(José Saramago, Manual de pintura e caligrafia)*

A matriz do gênero literário *biografia* é o encômio, isto é, a apresentação elogiosa ou quase heroica da vida de uma pessoa. Em geral, seguia-se a ordem cronológica (origem; formação e profissão; atos). Muito utilizado no mundo helenístico e bastante aproximado da hagiografia, o encômio, com o passar dos séculos, deu lugar a modelos mais complexos, como os evangelhos, que em certa medida podem ser considerados *biografias laudatórias*. (BERGER, 1998, p. 313). As biografias antigas tinham caráter mítico-cultural (p. ex. *Vida de Apolônio* e *Vida de Teseus*), e não costumavam dar grande importância aos elementos cotidianos. Como afirma Marília Cardoso,

---

<sup>1</sup> Mestrando da UFSC.

muitos dos valores-referência da cultura do ocidente foram-se consolidando, ao longo dos séculos, através de relatos, onde a trajetória de homens ilustres — monarcas e santos — encadeava-se por meio de imagens, tropos e outras formas lingüísticas convencionais (CARDOSO, 2002, p. 112).

Depois da ascensão do gênero na Idade Média, a partir das confissões autobiográficas, como as *Confissões* de Santo Agostinho, houve um longo período de ocaso até o ressurgimento, com a arte iluminista, no século XVIII. Ainda grande parte das biografias é formada por verdadeiras elegias, mas, na pós-modernidade, a situação é peculiar, pois é possível escrever uma biografia “não-autorizada”, que pretensamente conte partes obscuras da vida de alguém famoso:

Na “condição pós-moderna” de descrédito das grandes narrativas, a biografia perde seu lugar no plano da alta cultura, para galgar o posto de best-seller no circuito mercadológico. Atletas, cantores pop, atores de TV, empresários juntam-se aos escritores e artistas, no amplo estoque das figuras biografáveis. (CARDOSO, p. 113)

Octavio Paz escreveu na primeira linha do ensaio “*O desconhecido de si mesmo — Fernando Pessoa*”, em 1961, que “os poetas não têm biografia. Sua obra é sua biografia” (PAZ, 2006, p. 201). No parágrafo seguinte ele não se contém e narra a vida de Pessoa: “Nasce em Lisboa, em 1888. Criança, fica órfão de pai. Sua mãe volta a casar-se; em 1896 transfere-se com os filhos, para Durban, África do Sul ...” (PAZ, p. 202). Não demorou muito para que Paz percebesse a biografia e a obra de um escritor como indissociáveis, embora a vida não se resuma ao que está escrito.

Tal indissociabilidade torna-se evidente quando um autor de reconhecido destaque como o português José Saramago confere valor ao gênero (auto)biográfico. Ele esboçou uma autobiografia ficcional no *Manual de pintura e caligrafia*. Ao que tudo indica, o percurso do personagem H. se parece em muito com o do próprio autor, que com esse livro inicia nova fase em sua obra:

O que vemos no *Manual* é um JS escritor, disfarçado sob a capa do personagem, dramatizando a crise de ser escritor de uma época marcada por escritas neo-realistas, numa busca pela cópia perfeita da realidade. Contudo, a consciência quanto à limitação das palavras em abarcar a realidade o leva a admitir, em certa medida, sua presença na romance autobiográfico ao declarar “logo este primeiro exercício de autobiografia dissimulada me denuncia”. (ROLIM, 2009)

A incursão autobiográfica mais direta e explícita do autor está nos *Cadernos de Lanzarote*, escritos de 1993 a 1997 a pedido de amigos e familiares.<sup>2</sup> Mas um diário é uma autobiografia? Caso nos posicionemos de maneira dogmática, o diário *não é* uma autobiografia. Obedece a um acordo, uma lei. Sua regra principal é a data, em geral no topo da página, “o calendário é seu demônio”, diria Blanchot (2005, p. 270). Serve para conservar a memória e diz respeito, em suma, à intimidade do sujeito. Ninguém, a priori, escreve um diário íntimo com os olhos voltados para o mercado literário. Isso seria burlar a norma, conforme afirma Philippe Lejeune:

Uma entrada de diário é o que foi escrito num momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia. (LEJEUNE, 2008, p. 260)

Se, ao contrário, entendermos a composição de um diário como uma *proto-autobiografia* ou mesmo como *gesto autobiográfico*, num ato performático e vital, concordaremos com Marcello Matias, para quem “a

---

<sup>2</sup> Outra autobiografia saramaguiana, cuja composição foi anunciada nos *Cadernos* sob o título “Livro das tentações”, é fragmentária e não menos ficcional que as demais. Trata-se de *As pequenas memórias*, narrativa da infância do autor na aldeia de Azinhaga.

autobiografia é *una*; o diário sempre é *plural*, e constrói-se de mil e uma breves autobiografias, sempre repetidas e inacabadas” (MATIAS, 1997; p. 46). Portanto, está longe de ser a *compensação de uma dupla nulidade*, como analisa Blanchot: “Aquele que nada faz de sua vida, escreve que não faz nada, e eis, apesar de tudo, algo de feito” (BLANCHOT, p. 274). Isso também percebeu José Saramago, com grande acuidade, no dia 23 de setembro de 2008:

Creio que todas as palavras que vamos pronunciar, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados, que vamos fazendo, cada um deles e todos juntos, podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional que, embora involuntária, ou por isso mesmo, não seria menos sincera e veraz que o mais minucioso dos relatos de um vida passa à escrita e ao papel. (SARAMAGO, 2009, p. 30-31)

A data denuncia a escrita em diário, ou melhor, em blog. Um *blog* é uma página virtual na qual um ou mais autores deixam suas mensagens. Segundo Tânia Ramos, “esta página virtual e interativa tem muitas vezes conteúdo de diário, e pode-se ler de tudo num *blog*. De política ao fim de um relacionamento. Do primeiro beijo à descrição de um filme clássico” (RAMOS, 2008, p. 162). Os visitantes de um blog podem deixar comentários sobre os textos — ou *posts* —, que são ordenados pela data de entrada na página. A mais recente aventura autobiográfica de José Saramago chama-se *O Caderno de Saramago*, blog mantido pela Fundação José Saramago (<http://www.josesaramago.org>), e com versões em português (<http://caderno.josesaramago.org/>) e espanhol (<http://cuaderno.josesaramago.org/>). Semelhante aos *Cadernos*, esse *Caderno* virtual teve início a pedido de amigos e familiares em setembro de 2008.

Víctor Martínez, da Universidade San Jorge (Zaragoza/ESP), realizou análise de dados de vinte *blogs* de autor em língua espanhola. Dentre as diversas páginas, foi abarcada a versão em espanhol do

*Caderno*. Martínez observou que o *blog* não possibilita aos visitantes enviar comentários sobre os textos postados, impressão de textos, enviar a página a amigos ou enviar mensagem eletrônica ao autor, nem tampouco utiliza recursos multimídia (vídeos, imagens, sons) (MARTÍNEZ, 2009). O que faz, então, que a página alcance sucesso entre os leitores?

Os textos abordam os mais diversos assuntos: política, religião, sexualidade, cotidiano e, obviamente, as atividades do próprio Saramago. Aliás, sua vida está sempre imbricada nos relatos. Referindo-se ao primeiro ministro italiano, Silvio Berlusconi, no dia 19 de setembro de 2008, ele diz: “Sendo eu publicado em Itália pela editora Einaudi, propriedade do dito Berlusconi, algum dinheiro lhe terei feito ganhar”. Também comenta sobre a adaptação de seu livro, *Ensaio sobre a cegueira*, em 28 de outubro de 2008. Em novembro do mesmo ano os relatos autobiográficos se tornam mais frequentes: “Há poucos minutos uma estação de rádio portuguesa quis saber qual seria a primeira medida de governo que eu proporia a Barack Obama...”; “Intento ser, à minha maneira, um estoico prático...”. Nesse ritmo também se agrupam relatos de viagem: “De viagem para o Brasil...”; “Não foi fácil chegar ao Brasil...”; “No Brasil, entre entrevista e entrevista...”; “Continuamos no Brasil...”. E o autor não se furta a fazer propaganda de seus livros: “Esta tarde, na Academia Brasileira de Letras, apresentei *A viagem do elefante...*”; “Apresentei *A viagem do elefante* em Lisboa e aproveitei para dizer que a minha cabeça anda às voltas com um novo livro. Uf!”.

O autor se despediu dos leitores do *blog* em 31 de Agosto de 2009, mas voltou a escrever na página em 11 de setembro do mesmo ano. O que foi escrito até 15 de março de 2009 resultou em livro. O célebre Umberto Eco escreveu no prefácio à versão publicada em italiano do *Caderno*, reproduzido na seção de opinião do *Diário de Notícias*, em Portugal: “Saramago não faz cerimônias, ou seja, não o manda dizer por outro e, na sua actividade de comentador diário da realidade que o

rodeia, tira a desforra sobre toda a imprecisão sinistra das suas fábulas”. E ainda:

Saramago *blogger* é um zangado. Mas haverá realmente um hiato entre esta prática de indignação diária sobre o transeunte e a actividade de escrita de «opúsculos morais» válidos tanto para os tempos passados como para os futuros? Escrevo este prefácio porque sinto ter alguma experiência em comum com o amigo Saramago, que é a de escrever livros (por um lado) e por outro a de nos ocuparmos de crítica de costumes num semanário. Sendo o segundo tipo de escrita mais claro e divulgador que o outro, muita gente me tem perguntado se eu não despejaria nas pequenas peças periódicas reflexões mais amplas feitas nos livros maiores. Não, respondo eu, ensina-me a experiência (mas creio que o ensina a todos os que se encontrarem em situação análoga) que é o impulso de irritação, a dica satírica, a chicotada crítica escrita à pressa, que fornecerá a seguir o material para uma reflexão ensaística ou narrativa mais desenvolvida. **É a escrita diária que inspira as obras de maior empenho, e não o contrário.** (ECO, 2009, grifo meu)

Ora, nos textos que constam no livro, percebe-se claramente que questões outrora buriladas à exaustão nos romances recebem nova atenção, apresentadas com um estilo mais direto. Menos barroco, digamos. Isso cria no leitor a impressão de proximidade, de intimidade, como quem lê um diário íntimo e descobre os segredos de outrem. De fato, “dentro da escrita virtual, o que importa para a formação de um público é mais o estilo que o diarista vai imprimir ao seu *blog* do que propriamente o quanto esse *blog* é capaz de informar do seu tempo e de sua história” (SCHITTINE, 2004, p. 25).

Em 25 de Novembro de 2008, Saramago registrou no *Caderno* suas impressões de uma entrevista coletiva concedida em São Paulo. Apesar do anúncio de uma “exposição estupenda” no Instituto Tomie Othake e do lançamento de um novo livro à vista, o jornalista lhe perguntaram sobre a decisão de escrever “na infinita página da

internet”. A partir deste acontecimento, conjectura sobre a função dos *blogs*, incluindo o seu:

Será que, aqui, a bem dizer, nos assemelhamos todos? É isto o mais parecido com o poder dos cidadãos? Somos mais companheiros quando escrevemos na internet? Não tenho respostas, apenas constato as perguntas. E gosto de estar escrevendo aqui agora. Não sei se é mais democrático, sei que me sinto igual ao jovem de cabelo alvoroçado e óculos de aro que, com os seus vinte e poucos anos me questionava. Seguramente para um *blog*. (SARAMAGO, p. 121)

Ele parece estar certo em suas impressões sobre a proximidade com os leitores de seu *blog*, pois eles se identificam com as ideias do escritor, sentem que lhe são íntimos. Ao contrário do que acontece nos diários à moda antiga, nos *blogs* “a fronteira entre autores e leitores se torna móvel e permeável” (SCHITTINE, p. 95). Muitos, mesmo sem nunca terem lido romances como *O evangelho segundo Jesus Cristo*, *História do cerco de Lisboa* ou *Levantado do chão*, são leitores assíduos e verdadeiros fãs do Saramago *blogueiro*. Talvez, pela máxima de Umberto Eco: “É a escrita diária que inspira as obras de maior empenho, e não o contrário”. Por isso, o público de *O caderno* não é necessariamente o mesmo que o dos romances, pois nele Saramago se aproxima da crônica. Lembremos que Saramago escreveu o romance *Terra do pecado* em 1947, sem obter grande sucesso. Em 1966 enveredou-se pela poesia, com *Os poemas possíveis*, seguido de *Provavelmente alegria*, em 1970. A estes livros sucedem *Deste mundo e de outro*, em 1971; *A bagagem do viajante*, em 1973; *As opiniões que o DL teve*, em 1974; e *Os apontamentos*, em 1976, todos de crônicas.<sup>3</sup> Trata-se, sobretudo, do retorno ao estilo original, e não de uma novidade na obra do autor. No *blog*, o estilo da escrita dilui as fronteiras entre o romancista premiado e o leitor atento. Firma-se, então, um pacto.

---

<sup>3</sup> Neste interím foram publicados o conto “O embargo”, em 1974, e texto experimental *O ano de 1993*, em 1975.

Voltemos, com isso, ao problema da *autobiografia como gesto*. No ensaio “O autor como gesto”, Agamben retoma a conhecida conferência de Foucault “O que é um autor?” para trazer à tona dois importantes conceitos: autor como indivíduo real e a função-autor. Em linhas gerais, significa dizer que apesar da existência inegável do autor como sujeito, ele está ausente. Na função-autor o indivíduo está vinculado ao *corpus* literário que produziu e “toda a investigação sobre o sujeito como indivíduo parece ter que ceder lugar ao *registro*, que define as condições e formas sob as quais o sujeito pode aparecer na ordem do discurso” (AGAMBEN, 2007, p.57). Neste *registro* — coletânea de escritos variados — o autor aparece apenas, ou especialmente, como gesto, como “o que continua inexpresso em cada ato de expressão” (AGAMBEN, p. 59). Assim como o autor põe em jogo, em sua obra, vidas reais e inventadas, ele mesmo se insinua nesse jogo, embora permaneça às escuras, sem se revelar de todo. Isso ocorre através do principal dispositivo que tem à mão, a linguagem. O sujeito-autor, lançando-se em jogo na linguagem, “exibe em um gesto a própria irredutibilidade a ela” (AGAMBEN, p. 63). Diante disso, podemos retornar ao conceito de autobiografia esboçado por Saramago e já citado aqui. O autor constrói sua autobiografia através de uma *performance*, de maneira não intencional, por meio da linguagem. Nesse sentido, cabe-nos citar a análise de Daiana Klinger:

O conceito de *performance* deixaria ver o *caráter teatralizado* da construção de imagem de autor. Desta perspectiva, não haveria um sujeito pleno, originário, que o texto reflete ou mascara. Pelo contrário, tanto os textos ficcionais quanto a atuação (a vida pública) do autor são faces complementares da mesma *produção* de uma subjetividade, instâncias de atuação do eu que se tencionam ou se reforçam, mas que, em todo caso, já não podem ser pensadas isoladamente. O autor é considerado como o sujeito de uma *performance*, de uma atuação, um sujeito que “representa um papel” na própria “vida real”, na sua exposição pública, nas suas múltiplas *falas de si*, nas entrevistas, nas crônicas e auto-retratos, nas palestras. (KLINGER, 2007, p. 54-55)

Como em toda performance, a atuação de um autor pressupõe interação com espectadores/leitores. Em suma, nunca há plateia passiva, mas *co-performers*, cujos gestos imprimem no autor uma transubjetividade, pelo que nunca se verá um auto-retrato do autor, observa Lejeune, mas uma caricatura, quiçá mal desenhada (LEJEUNE, p. 296). O autor jamais atuará/escreverá isoladamente, mas em conjunto, em confronto e contato com os leitores. Por isso, os *blogs*, em maior ou menor grau, implicam numa dimensão ética, da qual não se pode fugir:

No universo dos *blogs*, todos são *performers* e ao mesmo tempo plateia, engajados em situações onde ora falam de suas experiências, assumindo diante da sua audiência a responsabilidade de expressá-las de modos socialmente aceitáveis em relação aos contextos em que estão inseridos, e ora interpretam e avaliam as expressões dos outros. Nas performances narrativas desenroladas nos *blogs*, eventos narrados e eventos narrativos se unificam, bem como o espaço e o tempo do narrador, do *blogueiro*, encontram-se com o espaço e o tempo da audiência em situações interativas, dialógicas e de troca de experiências que operam permanentemente na produção da cultura. Assim, as performances dos *blogueiros* são construídas colaborativamente [...]. (MÁXIMO, 2006, p. 110)

Uma escritura autobiográfica, como um diário, que seja composta colaborativamente é algo a se pensar. Será sempre fragmentária, imperfeita, dissonante. Logo, as palavras de um diário são peças soltas que se aglutinam não como as de um quebra-cabeça. É impossível (re)montá-las de modo a criar um quadro nítido. Os diários ou *blogs* constituem autobiografias do desencaixe, sem a obrigação de estabelecer sentidos peremptórios. Isso porque relatam vidas em jogo, histórias em curso, e, portanto, nunca se acabam. Esse processo, no

caso do *Caderno* de Saramago, não se encerrou nem mesmo com a publicação dos textos do *blog* em livro. Permanece na condição de *work in progress*, como a própria vida.<sup>4</sup>

### Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARDOSO, Marília Rothier. “Retorno à biografia” In: OLINTO, H. K.; SCHOLHAMMER, K. E. (orgs.). *Literatura e Mídia*. São Paulo: PUC, 2002.
- ECO, Umberto. “Um Blogger Chamado Saramago” In: *Diário de Notícias*, 07 de outubro de 2009. Disponível em: [http://dn.sapo.pt/inicio/opiniaio/interior.aspx?content\\_id=1382926](http://dn.sapo.pt/inicio/opiniaio/interior.aspx?content_id=1382926)
- GÓMEZ AGUILERA, Fernando. *José Saramago: a consistência dos sonhos – cronobiografia*. Lisboa: Caminho, 2008
- KLINGER, Daiana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica – Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MARTÍNEZ, Víctor Manuel Pérez. “El *blog* de autor: ¿nuevos horizontes para el Periodismo Literario en la Red?” In: *Actas del I Congreso*

---

<sup>4</sup> Embora não tenha sido nosso objetivo analisar relatos biográficos em torno do autor, duas importantes biografias de Saramago foram lançadas recentemente. A primeira, de Gómez Aguilera (GÓMEZ AGUILERA, Fernando. *José Saramago: a consistência dos sonhos – cronobiografia*. Lisboa: Caminho, 2008), contém muitas fotografias e é mais preocupada com as curiosidades da vida pessoal do biografado do que com sua obra. A segunda, recém-lançada, é de João Marques Lopes (LOPES, João Marques. *Biografia – José Saramago*. Lisboa: Guerra & Paz; Pluma, 2009) e tem o foco voltado para a produção literária de Saramago. No site da Fundação José Saramago também é possível encontrar dados (auto)biográficos.

*Internacional Latino de Comunicación Social*, 2009. Disponível em:  
<http://www.revistalatinacs.org/09/Sociedad/actas/86victor.pdf>

MATIAS, Marcello Duarte. “Autobiografias e diários” In: *Colóquio/Letras*, 143/144, pp. 41- 62, Jan., 1997.

MÁXIMO, Maria Elisa. *Blogs: o eu encena, o eu em rede - Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas*. Florianópolis: UFSC, 2006. [Tese de Doutorado]

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. “Narrativas de si: lugares da memória” In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 4, n. 2, pp. 155-165, jul./dez. 2008

ROLIM, Michelle de O. “Memórias inventadas e vividas em José Saramago: entre a verdade e a ficção” In: *Revista Crioula*, n. 5, maio de 2009. Disponível em:  
<http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/05/Dossie%20-%20Michelle%20Rolim.pdf>

SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Manual de pintura e caligrafia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *O caderno: textos escritos para blog setembro de 2008 – março de 2009*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.